

SHIRLEY JACKSON

«Jackson escreve sobre subúrbios familiares e aprazíveis, cujo âmago é venenoso.»

BUSTLE

O HOMEM DA FORÇA



cavalo de ferro

*Slack your rope, Hangsaman,
O slack it for a while,
I think I see my true love coming,
Coming many a mile.*

Invariavelmente, o Sr. Arnold Waite – marido, pai, homem de palavra –, após a segunda chávena de café ao pequeno-almoço, reclinava-se na cadeira e olhava com certa descrença para a mulher e os dois filhos. A sua cadeira encontrava-se posicionada de tal maneira que, quando ele inclinava a cabeça para trás, o sol, fosse Inverno, fosse Verão, lhe tocava o cabelo, que não perdera a cor, e lhe dava um ar simultaneamente angelical e indiferente – indiferente porque, como ele, não considerava a crença um factor essencial para a sua existência continuada. Quando o Sr. Waite virava a cabeça para observar a mulher e os filhos, a luz movia-se com ele, decomposta em padrões na mesa e no chão.

«O teu Deus», apontava ele por hábito à Sra. Waite, ao fundo da mesa de pequeno-almoço, «achou por bem presentear-nos com um dia glorioso.» Ou: «O teu Deus achou por bem dar-nos chuva», ou «neve», ou «achou por bem visitar-nos com trovoada». Este ritual provinha de uma observação imprevidente feita pela Sra. Waite quando a filha tinha três anos; a pequena Natalie perguntara à mãe o que era Deus, e a Sra. Waite respondera-lhe que Deus fazia o mundo, as pessoas que existiam nele e o tempo; o Sr. Waite não era propenso a deixar que tais observações caíssem no esquecimento.

– Deus – disse o Sr. Waite naquela manhã, e riu-se. – *Eu* sou Deus – acrescentou.

Natalie Waite, que tinha dezassete anos, mas sentia só se haver tornado verdadeiramente consciente por volta dos quinze, vivia num estranho canto de um mundo de som e visão para lá das vozes

quotidianas dos pais e das acções incompreensíveis por eles tomadas. Ao longo dos últimos dois anos — desde que, de facto, se observara repentinamente numa manhã luminosa e vira pelo canto do olho uma pessoa chamada Natalie, existente, mapeada, inelutavelmente localizada num ponto do terreno, agraciada com consciência e pés e uma camisola de um vermelho garrido, dotada de uma vivência profundamente obscura —, tinha vivido completamente por si só, sem permitir sequer ao pai o acesso aos lugares mais esconsos da sua mente. Visitava países estranhos, e as vozes dos seus habitantes ocupavam-lhe constantemente o ouvido; quando o pai falava, era acompanhado pelo som de uma risada distante, que provavelmente ninguém escutava, à excepção da filha.

«Bem», costumava comentar o Sr. Waite, depois de ter ocupado o lugar de Deus por mais um dia, «já só faltam vinte e um dias para que a Natalie nos deixe». Por vezes era «mais catorze dias, e o Bud volta a ir-se embora». Natalie ia partir para o seu primeiro ano na universidade, uma semana depois de o irmão ir para a escola secundária; por vezes, vinte e um dias transformavam-se em três semanas e pareciam intermináveis; noutras alturas, pareciam minutos a passar, tão velozes que nunca havia tempo para abordar a universidade com a devida atenção, para formar uma personalidade funcional que a acompanhasse. Natalie sentia-se aterrorizada por sair de casa para ingressar na universidade, mesmo ficando esta a escassos cinquenta quilómetros de distância e tendo sido escolhida pelo pai. Restavam-lhe dois consolos: em primeiro lugar, a convicção, obtida por experiência prévia, de que qualquer sítio se torna o nosso lar ao fim de algum tempo, pelo que podia presumir, com uma probabilidade razoável, que, passado cerca de um mês, a universidade lhe seria familiar, e a sua casa, vagamente alheia. O segundo consolo era o pensamento recorrente de que poderia sempre desistir, se assim o decidisse, e limitar-se a ficar em casa com a mãe e o pai; tal perspectiva era tão horrenda que ela dava por si, ao pensar com confiança sobre o assunto, quase a desfrutar do medo de partir.

Assim, às nove e meia de uma manhã de domingo, os Waites tinham tomado o pequeno-almoço juntos. O Sr. Waite sentia com complacência o toque do sol na cabeça; Bud, agitando-se no lugar, suspirava com a resignação profunda de um rapaz de quinze anos que volta à escola secundária dentro de catorze dias; a Sra. Waite, olhando profundamente para o seu café, falava no tom suave e ligeiramente melancólico que reservava para o marido.

– Azeitonas de *cocktail* – disse ela.

Era como se quisesse desconcertá-lo, pois o Sr. Waite fitou-a por um minuto e depois disse, com ênfase:

– Queres dizer que tenho de preparar *cocktails* para aquela gente toda? *Cocktails* para vinte pessoas? *Cocktails*?

– *Não podes* propriamente pedir-lhes que tomem chá – respondeu a Sra. Waite. – Não a *eles*.

Natalie, fascinada, escutava a voz secreta que a seguia. Era o detective da polícia, que falava ríspidamente, incisivamente, por entre o movimento delicado da voz da mãe.

– Como – perguntou-lhe sem rodeios –, menina Waite, *como* justifica o hiato entre a sua ida ao roseiral e a sua descoberta do corpo?

– Não sei – respondeu-lhe Natalie mentalmente, sem mover os lábios, com os olhos descaídos a ocultarem da família o terror que também escondia do detective. – Recuso-me a explicar.

O Sr. Waite falava com paciência.

– Serve tu os *cocktails* – disse ele –, passas a vida a fazê-los. Com copos altos normais, todos poderão fazer o seu próprio *cocktail*. É o que farão, seja como for – acrescentou, para enfatizar o argumento.

– Não fui *eu* a convidá-los – ripostou a Sra. Waite.

– Não fui *eu* a convidá-los – repetiu o Sr. Waite.

– Eu telefonei-lhes – disse a Sra. Waite –, mas tu é que fizeste a lista.

– Tem noção – perguntou silenciosamente o detective – de que esta discrepância temporal poderá ter consequências muito graves para si?

– Tenho – respondeu Natalie. *Confessar*, pensou ela, *se confessar, poderei ficar em liberdade.*

O Sr. Waite tornou a mudar de opinião; ele e a mulher já se conheciam suficientemente bem para substituírem desentendimentos pouco vigorosos por uma relação conjugal mais cansativa, e uma discussão fútil e constante, em que um e outro tomavam qualquer partido, era, para eles, de uma familiaridade tão afável quanto a compaixão ponderosa de um lar vitoriano.

– Meu Deus – exclamou o Sr. Waite. – Quem me dera que não viessem.

– Posso cancelar – ripostou a mulher, como sempre.

– Eu podia trabalhar um pouco, para variar – disse o Sr. Waite. Olhou em redor para a mulher, que contemplava o café, para Natalie, que observava o prato, e para Bud, que provavelmente admirava pela janela algum sonho arrebatador de adolescente. – Nesta casa, ninguém *olha* para as outras pessoas – comentou ele, irritado. – Tens noção de que tenho um atraso de duas semanas no meu trabalho? – disse, confrontando a mulher. Contou pelos dedos: – Tenho de rever quatro livros até segunda-feira; quatro livros que *ninguém* desta casa leu, além de mim. Depois há o artigo sobre o Robin dos Bosques... que deveria ter acabado há três dias. E as minhas leituras, e o jornal de hoje, e o de ontem. Já para não falar – acrescentou com gravidade –, já para não falar do livro.

À menção do livro, a família lançou-lhe um breve olhar em coro, que logo foi desviado e devolvido aos menos coléricos pratos e chávenas dispostos em cima da mesa.

– Quem me dera poder ajudar-te, querido – disse a Sra. Waite, num tom falso.

– Tem consciência – interpelou sarcasticamente o detective – de que, com o seu silêncio obstinado, está a atrasar o decurso desta investigação?

– Ouçam – disse Bud de supetão –, *eu* não tenho de estar nessa coisa, pois não?

O pai franziu o sobrolho e depois riu-se grosseiramente.

– Que planeavas fazer em vez disso? – perguntou-lhe; se a sua voz continha uma nota trovejante, a família ignorou-a, pois já estava mais do que habituada a ela.

– Alguma coisa – replicou Bud com insolência. – Qualquer coisa.

O Sr. Waite olhou para a mulher na outra ponta da mesa.

– Este meu filho – explicou elaboradamente – tem tamanho desagrado pela vida literária que prefere fazer «alguma coisa... qualquer coisa» em vez de participar numa festa literária. – Ocorreu-lhe obviamente um epigrama, que decidiu experimentar com cautela. – Uma festa literária é muito pouco apelativa – começou lentamente, como que a tactear – para alguém que é, ao mesmo tempo, pouco instruído para a literatura e demasiado novo para beber.

A família ponderou; a Sra. Waite abanou a cabeça.

– A adolescência é uma etapa em que... – acabou por sugerir, e o Sr. Waite aproveitou a deixa:

– Em que se é pouco instruído para a literatura e demasiado novo para beber.

– Demasiado velho para a literatura? – perguntou Natalie.

Bud riu-se.

– Demasiado esperto para me aproximar dela – disse ele.

Todos se riram, e o súbito gesto familiar foi tão agradável para eles que de imediato tomaram medidas para se separarem uns dos outros. O Sr. Waite foi o primeiro a ir-se embora; ainda a rir, enfiou o guardanapo na argola, composta por duas cobras curiosa e obscenamente entrelaçadas («Nada com que uma pessoa deva sentar-se à mesa», descrevia-a a Sra. Waite), e levantou-se, dizendo «Com licença» à mulher enquanto o fazia. Logo a seguir, Bud levantou-se da cadeira e, com uma típica graça deslizando, conseguiu chegar à porta antes do pai.

– Depois de *si*, senhor – disse com grandiloquência, enquanto segurava a porta para o pai passar. E o Sr. Waite fez uma vénia formal e agradeceu:

– Obrigado, meu jovem.

Avançaram juntos pelo corredor, e Natalie e a Sra. Waite ainda ouviram Bud dizer:

– Na verdade, vou nadar.

O terror de poder ficar a sós com a mãe deixou Natalie quase sem palavras; quando a mãe abriu a boca para falar (talvez para dizer «Com licença» à filha; talvez se sentisse igualmente perturbada por ficar a sós com ela), Natalie apressou-se a dizer:

– Agora estou ocupada – e, com pouca dignidade, atravessou as portas de sacada atrás da sua cadeira e desceu os degraus planos até ao jardim.

Não que preferisse o jardim a outros sítios do mundo; optaria, por exemplo, por estar sozinha no seu quarto com a porta trancada, ou sentada na relva junto a um ribeiro à meia-noite, ou, caso lhe fosse dada uma escolha absolutamente livre, ficar imóvel encostada a um pilar num templo grego ou a uma carroça de condenados à guilhotina em Paris ou a um grande rochedo solitário sobranceiro ao mar, mas o jardim era mais perto e agradava ao pai vê-la vaguear de manhã entre as rosas.

– E a sua idade? – perguntou o detective. – Ocupação? Sexo?

Estava uma bela manhã, que o jardim parecia estar a desfrutar. A relva esforçara-se por ficar extraordinariamente verde diante dos pés de Natalie, as rosas estavam pesadas e perfumadas e próprias para oferecer aos amantes, o céu estava azul e sereno, como se nunca tivesse visto uma lágrima. Natalie sorriu secretamente, retesando os ombros sob a camisa branca e fina, agradavelmente ciente de si mesma desde a linha recta dos ombros até aos pés, de maneira que, ao inclinar-se para trás com os ombros contra a solidez intangível do ar, se tornava uma coisa delgada, uma coisa graciosa, uma coisa de aço e enchimento subtil. Inspirou profundamente, satisfeita.

– Agora já vai falar? – quis saber o detective, a erguer um pouco a voz, embora a mantivesse sob um controlo férreo. – Julga que, sozinha,

será capaz de defrontar a força da polícia, de defrontar o poderio e o peso da autoridade devidamente constituída, de *me* defrontar a mim?

Um pequeno e agradável calafrio percorreu Natalie.

– Poderei estar em perigo em cada momento da minha vida – disse ela ao detective –, mas dentro de mim tenho força.

– *Isso é uma resposta?* – replicou o detective. – E se eu lhe disser que a viram?

Natalie ergueu a cabeça, olhando orgulhosamente para o céu.

– A governanta – disse o detective, reduzindo a voz a um murmúrio cruel como uma bofetada. – Ela testemunhou... sob juramento, repare, menina Waite, sob juramento... que a viu entrar na casa uns bons quinze minutos antes de os seus gritos terem chamado a criadagem ao escritório, onde a menina se encontrava sobre o corpo assassinado do seu amante. Então, menina Waite, então?

– Não tenho nada a dizer – replicou Natalie, praticamente incapaz de formar palavras.

– E agora que acontece à sua história? – prosseguiu o detective sem clemência. – Menina Waite, que acontece à sua cuidada declaração de ter estado sozinha no jardim?

– Não tenho nada a dizer – repetiu Natalie.

– Diga-me, menina Waite – continuou o detective, desapiedadamente, com o rosto cruel mais próximo do de Natalie, a voz melíflua e maldosa –, diga-me, duvida da palavra da governanta? Ousa dizer que ela mente? Acredita que ela é incapaz de calcular o tempo?

– São dez horas, Natalie – chamou a Sra. Waite, junto às portas de sacada.

– Já vou – respondeu Natalie. Dado que quase sempre corria em vez de caminhar, galgou os degraus com um grande salto (*como um veado*, pensou, suspensa no ar) e entrou pelas portas de sacada. – Onde está o meu caderno? – perguntou à mãe ao passar por ela, sem esperar por resposta; o caderno estava na mesa da entrada, onde o deixara naquela

manhã ao descer para o pequeno-almoço. De caderno na mão, bateu à porta do escritório.

– Entra, minha querida – disse-lhe o pai.

Sentado à secretária, ele levantou a cabeça, sorrindo-lhe enquanto ela entrava.

– Bom dia, Natalie – cumprimentou-a com formalidade, ao que Natalie respondeu:

– Bom dia, pai.

Partilhavam a ficção de que aquelas pequenas reuniões iniciavam o dia de ambos, embora fosse costume, antes do encontro no escritório, tomarem o pequeno-almoço juntos e tratarem em privado das suas ocupações matinais; Natalie observando a manhã através da janela do quarto e tomando notas apressadas no seu bloco à secretária, penteando o cabelo que caía descuidadamente sobre os ombros, colocando o pequeno medalhão secreto que usava sempre; o pai acordando, vendo-se ao espelho, fumando o primeiro cigarro do dia e, presumivelmente, conseguindo de alguma maneira vestir-se sozinho.

– Esta manhã estás com um ar muito revigorado, minha querida – disse o Sr. Waite, ao que Natalie lhe disse solenemente:

– Tenho estado a pensar muito.

O pai assentiu com a cabeça.

– Claro – disse ele. – Um sol a brilhar, dezassete anos de vida, as tristezas infinitas que carregas aos ombros... uma pessoa *tem de pensar*.

Por vezes, naquelas manhãs no escritório, Natalie não sabia se deveria ou não rir das declarações do pai. Era difícil, por norma, perceber se um comentário seu era uma piada, porque ele tinha como ponto de honra não rir das próprias piadas e, sendo ela a única audiência, só podia valer-se das suas próprias reacções. Desta vez, ela estava séria, porque, embora o ar expectante do pai parecesse indicar que aquilo *fora* uma piada, o ter realçado que ela tinha dezassete anos de vida dera-lhe uma noção súbita da imensidão do tempo; dezassete anos era muito tempo

para se ter estado vivo, se se pensasse que, dali a outros dezassete – ou durante o tempo que ela desperdiçara a ser uma criança e uma jovemzinha tola, provavelmente em brincadeiras –, ela teria trinta e quatro e seria velha. Estaria casada, provavelmente. Talvez – e essa ideia causava-lhe náuseas – desmesuradamente afligida com filhos. Esgotada e cansada. Desligou-se do pensamento que persistia desagradavelmente recorrendo ao método usual – imaginar a sensação doce e aguda de ser queimada viva – e virou-se para o pai com um ar expectante.

– Bem – disse ele. Estava a olhar para os papéis em cima da secretária. – Trouxeste o teu caderno?

Em silêncio, Natalie fê-lo deslizar pela secretária até ao pai. Havia sempre aquele momento de desalento, em que as palavras que escrevera lhe atravessavam a mente sem piedade, e a ideia de o pai as ler levava-a a hesitar, com um desejo urgente de se ir embora, sair do escritório, partir para qualquer outro lugar. Depois o momento passou, e ela disse ao entregar-lhe o caderno:

– Fiz isto ontem à noite. Depois de todos terem adormecido.

– Voltaste a passar a noite inteira a escrever? – perguntou-lhe o pai com indulgência. Começou a virar as páginas do caderno lentamente, apreciando-as.

– Fui dormir por volta das três – disse Natalie. O pai ressentia-se de pessoas que humedeciam os polegares durante a leitura e usava tal vulgaridade como símbolo de grande parte do público leitor, mas provavelmente não tinha consciência de que, ao virar as páginas do caderno da filha, molhava ligeiramente os lábios com a língua, ainda que mantivesse os dedos longe da boca, como sempre.

– Esta sempre foi uma das minhas favoritas, Natalie – disse ele, detendo-se numa página. – Esta sobre as árvores. «Em fileira e recortadas contra o céu» é bom, muito bom. E aquela sobre a tua mãe. – Soltou uma risada e virou outra página. – Espero que ela nunca a veja – disse ele, e olhou para a filha com um sorriso de criança.

– Ela nunca se interessou pelos meus cadernos – disse Natalie.

– Eu sei – confirmou o Sr. Waite. – Tampouco se interessa pelos meus artigos. – Riu-se e acrescentou, como que para compensar: – Nunca poderia ter encontrado alguém tão pouco empático como a tua mãe, e tão prestável.

Desta feita, Natalie riu-se com segurança. Era uma declaração muito verdadeira acerca da mãe.

– Bem – disse o pai. Deteve-se numa página do caderno e, com uma hesitação deliberada, olhou para Natalie e sorriu, virou-se para seleccionar um cigarro do maço em cima da secretária e procedeu a uma cerimónia elaborada para o acender. – Estou um pouco preocupado – disse ele. – Não sei bem se me atrevo a ler.

– Foi a coisa mais difícil que alguma vez tive de fazer – disse Natalie. O pai olhou-a com um breve franzir do sobrolho, ao que ela reconsiderou e afirmou: – Foi a coisa mais difícil que tive de fazer até agora.

– Todo o cuidado é pouco – asseverou o pai. Retesando os ombros, inclinou a cabeça para o caderno.

Enquanto ele lia, Natalie, após o nervosismo inicial (ao dar-lhe o caderno em cada manhã, o passo estava tomado; tornava-se então irrecuperável e só lhe restava aguardar que lhe fosse devolvido), observou o escritório de novo, como fazia todas as manhãs. Era um lugar profundamente agradável. Os livros, que se mantinham expectantes nas prateleiras da divisão, pareciam ter cumprido a sua missão de leitura, ainda que não necessariamente pelo Sr. Waite; o cadeirão de couro ainda apresentava as marcas do amplo traseiro do Sr. Waite, o cinzeiro ao lado já continha cinza. A divisão estava usada, talvez batida, e não apresentava traços de abandono; transmitia descontração, como se já nada pudesse surpreendê-la depois de entregue aos cuidados do ser alarmante do Sr. Waite.

– Isto é bom – comentou ele abruptamente. Riu-se em voz alta e tornou a dizer: – Isto é bom. Aqui, onde diz: «Parece perpetuamente

surpreendido por o mundo nunca ser tão inteligente quanto ele, embora ficasse ainda mais surpreendido caso descobrisse que talvez ele próprio não seja tão inteligente como se julga.» Demasiadas palavras, Natalie, e parece-me que te inebriaste com a primeira metade da frase e só atacaste a segunda para a fazer descer pelo mesmo caminho por onde tinha subido. Poderia ser dito de uma forma mais cuidada, creio. Mas é bom, muito bom. E gosto de: «Tem uma grande reputação de generosidade, embora ninguém alguma vez o tenha visto a dar o que quer que seja aos *pobres*.» Excedeste-te realmente. — Recostou-se e olhou para ela com um ar animado, como ela sabia que faria. — Estou mais do que satisfeito — declarou. Retomou a leitura, rindo ocasionalmente. — Claro que — disse ele, ao fim de um minuto — tens noção... na verdade, julgo que te disse isto quando te dei esta tarefa... de que não posso dar-me ao luxo de contestar o que quer que tenhas escrito aqui.

Natalie disse:

— Talvez eu me tenha aproveitado disso.

Ele acenou com a cabeça.

— Sei que sim — disse.

Tornou a ler, e Natalie olhou em volta do escritório; o cadáver estaria ali, claro, entre a estante com livros sobre demonologia e a janela, cujos cortinados pesados podiam ser puxados para ocultar qualquer obra funesta. Ela seria encontrada à secretária, a menos de um metro e meio do cadáver, com uma mão no canto para se apoiar, de rosto branco e distorcido pelos gritos. Seria incapaz de justificar o sangue nas mãos, na parte da frente do vestido, nos sapatos, o sangue a ensopar o tapete a seus pés, o sangue sob a sua mão na secretária, deixando uma mancha nos papéis que ali estavam.

— Oh, não — disse o pai. — Elegante, não, Natalie. Isso eu refuto em absoluto.

— Mas está modificado — disse Natalie. Escolhia as palavras com malícia. — Digo especificamente que a elegância é sobretudo arrogância;

que hoje em dia tão poucas pessoas são realmente arrogantes que tal pessoa passa a impressão de beleza. Essa ideia agradou-me.

– É um pensamento invulgar – comentou o pai, meditabundo. – Mas não sei se não serás demasiado jovem para o teres. – Empurrou um pouco o caderno para o afastar da beira da secretária, de modo que pudesse pousar os cotovelos. – Bem – começou.

Natalie recompôs-se, observando-o.

– Em primeiro lugar – disse o Sr. Waite, escolhendo cuidadosamente as palavras –, vou contestar todo o teu ataque em relação ao problema da descrição. Uma descrição não descreve coisa alguma (e já te tinha dito isto) se for feita em suspenso, por assim dizer, desligada. Para ser *útil*, precisa de estar vinculada a algo. Ao que parece, negligenciaste esta questão no teu trabalho de hoje.

– Mas julgava que tinha dito... – começou Natalie, mas o pai ergueu uma mão; não gostava de ser interrompido.

– Ao que parece, digo eu – prosseguiu ele. – Acho que nem tu te apercebes do teu *empenho* neste pequeno retrato. Em quaisquer outras circunstâncias, a tua reflexão sobre ele seria escusada, mas dei-to de propósito para te testar, e tu fizeste exactamente aquilo que eu esperava. – Parou, a pensar. – Vê se entendes – disse por fim –, eu não estou a apontar falhas na tua interpretação. É evidente que tens completa liberdade para escrever o que queiras acerca de mim ou do que quer que seja. Eu estou *interessado* em ver-te escrever o que queiras e em encorajar-te a escrever mais. Mas, para um dia vires a ser uma *boa* escritora, *tens* de entender os teus próprios motivos.

Parou e entregou-se novamente à cerimónia elaborada de acender um cigarro. Depois entrelaçou as mãos sobre o caderno e olhou com franqueza para a filha, o cigarro a consumir-se elegantemente no cinzeiro, a linha de fumo a emoldurar-lhe a cabeça de um lado, e a janela quadrada a formar-se agradavelmente do outro.

– Não sou um homem vaidoso – começou lentamente. – Não me tenho em consideração indevida. Na verdade, a minha própria descrição de mim mesmo seria *muito* mais severa do que a tua. Não mencionas a minha mesquinhez, por exemplo, embora a aludas nas tuas declarações acerca... – consultou o caderno – ... de eu «usar palavras em vez de acções». Descuras uma das minhas características mais relevantes, uma honestidade brutal que amiúde me causa problemas; uma honestidade tão sincera que, aplicada a mim mesmo, me oferece um retrato de que não posso orgulhar-me, embora me descrevas como um homem orgulhoso. A minha descrição honesta de mim mesmo levou-me a desejar menos do que muitos dos meus contemporâneos, porque reconheço os meus defeitos e, em resultado disso, sou, em muitos sentidos, menos bem-sucedido num plano mundano. Eles, sem conhecimento das suas limitações, foram capazes de conquistar cegamente, ao passo que eu, hesitando sempre por duvidar de mim mesmo, perdi as oportunidades e fracassei. Não mencionas (e uso agora a mesma honestidade brutal comigo mesmo) que nem sempre sou tão amável para com a minha família como deveria esforçar-me por ser, talvez por me preocupar demasiado com as minhas próprias emoções, em detrimento das dos outros; se bem que, para falar com amarga sinceridade, não seja uma pessoa dotada de grandes emoções e, por consequência, nunca podendo ser sentimental, nunca poderei ser grande. – Parecia prestes a prosseguir com esta ideia, que era uma das suas preferidas, mas depois comediou-se e disse com ironia: – Revelo mais de mim a cada palavra. *Sou* honesto, Natalie, e, por vezes, envergonho-me disso.

– Eu envergonho-me sempre quando sou honesta – replicou Natalie.

– Envergonhas-te? – perguntou ele, interessado. – Sabes quando estás a ser honesta?

– Por norma – disse ela. – Se ficar surpreendida quando digo ou penso alguma coisa, estou a ser honesta.

Ele riu-se e assentiu com a cabeça, após o que disse:

– Ensinas-me tanto quanto eu a ti, minha querida. – Ambos permaneceram em silêncio por um minuto, revendo as suas virtudes individuais, e depois ele continuou num tom confidencial. – Natalie – disse com solenidade –, agora já sabes que é natural as raparigas, nalgum ponto do seu crescimento, odiarem os pais. Ora, eu considero que, nesta altura da tua vida, tu começas a odiar-me.

– Não – disse Natalie. Fitava o pai. – É claro que não o odeio – disse ela. O comentário fora feito de tal forma no contexto da discussão que ela tardou um pouco a lembrar-se de dizer: – Adoro-o.

Ele abanou a cabeça com tristeza.

– Quando nasceste, e quando o Bud nasceu, apercebi-me, ao contrário da tua mãe, de que chegaria uma altura em que ambos se rebelariam contra nós, odiando-nos pelo que representávamos, lutando para se libertarem de nós; é uma reacção tão natural que agora me envergonha pensar nisso, sinto uma pontada, uma guinada, quando enfim a reconheço; chegou lentamente, mas estou tão imprevisto como nunca. Natalie, *tens* de ter presente que é natural, que o ódio por mim não significa que *tu*, enquanto pessoa, me odeies *a mim* enquanto pessoa, mas apenas que a criança, crescendo normalmente, passa por uma fase em que o ódio aos pais é inevitável. É essa a fase em que te encontras agora.

Voltou a erguer a mão quando Natalie tentou falar, e depois, quando ela desistiu, deixou-a cair sobre o caderno, no qual ia tocando ao discursar, remexendo nas páginas que continham o exercício daquela manhã.

– Isto não quer dizer – continuou ele, pensativo –, se bem que, recorda-te, esta seja uma experiência tão nova para mim quanto para ti; isto não quer dizer que eu não possa ajudar-te, ou aconselhar-te ou compadecer-me de ti; significa apenas que temos de reconhecer agora que tu és uma jovem a crescer, e eu, um velho, e que um antagonismo sexual elementar, aliado a um ressentimento filial, nos separa, pelo que não poderemos ser sempre honestos um com o outro, como temos sido até agora.

Se está a acontecer, porque mo diz ele?, pensou Natalie por um breve instante, e ouviu ao longe o detective da polícia a insistir:

– Está preparada agora para confessar que o matou?

Durante um longo minuto, o pai fitou-a, obviamente à espera de alguma resposta que ela era incapaz de dar; Natalie, com a mente a trabalhar rapidamente, recapitulou o que ele tinha dito: por exemplo, que serviria de indicação para o que ela deveria dizer? Teria ele feito uma pergunta, talvez? Uma declaração falsa que ela deveria corrigir? Ter-lhe-ia tecido um elogio, para que ela o recusasse com modéstia?

– Bem – disse o pai por fim, e suspirou. – Não é necessário discutirmos isto em pormenor, minha querida. Em breve, saberás mais acerca da questão do que eu. E eu aprenderei contigo.

Ele reclinou-se na cadeira e observou pensativamente a secretária, com os olhos a lerem absortamente as linhas do caderno de Natalie.

– Elegante – disse ele, e riu-se. – Oh, Natalie, minha querida.

E abanou a cabeça, como se não pudesse evitá-lo.

Era uma dispensa. Nada mais havia a identificar. Enquanto Natalie se levantava, já com a mente a seguir para o jardim, para o almoço, para o resto do dia que tinha pela frente, o pai empurrou impaciente-mente o caderno, fazendo-o deslizar sobre a secretária.

– Tu estarás presente na festa logo à tarde? – perguntou ele, enfatizando o «tu» só o suficiente para que Natalie recordasse a recusa de Bud em participar.

– Suponho que sim – foi a sua fraca resposta, pois perguntava-se onde teria Bud arranjado coragem para anunciar publicamente que não se atinha aos planos da família.

– Tenta ajudar a tua mãe, se puderes – disse-lhe o pai. – Receber pessoas é difícil para ela. – Sorriu-lhe, com a mente já a partir para questões mais importantes, as ideias profundas e complexas que constituíam o seu trabalho. – Um ódio fundamental pelas pessoas, creio – acrescentou, enquanto Natalie se encaminhava para a porta.

Aos domingos, os Waites julgavam gozar de uma vida despreocupada e boémia, embora, durante os outros seis dias da semana, vivessem como todas as outras pessoas. Aos domingos, a Sra. Waite não tinha acesso aos serviços da criada e, aos domingos, os Waites costumavam receber convidados com aquilo a que o Sr. Waite se referia convictamente como um lanche informal, embora fosse a Sra. Waite a tratar do lanche – a única razão para que os Waites ainda pudessem manter uma criada. O Sr. Waite tinha o hábito de convidar qualquer pessoa que lhe agradasse a passar a tarde de domingo em sua casa, e da Sra. Waite era esperado que proporcionasse variados refrescos para os convidados informais do Sr. Waite. Isto incluía, normalmente, um ou outro formato de pequenas sanduíches e canapés para um número variável de convivas – já que o Sr. Waite nunca era capaz de recordar se tinha ou não convidado dada pessoa – e um jantar de bufete em seguida; a Sra. Waite tinha assim estabelecido para si mesma uma rigorosa hora de deitar, às oito da noite de domingo, retirando-se por volta da altura em que Natalie e Bud eram libertados do cativoiro dominical e o Sr. Waite começava a confraternizar com os convidados.

Natalie e a mãe passavam as manhãs de domingo – depois da reunião de Natalie com o pai – na cozinha, em preparativos para os convidados do dia; a Sra. Waite considerava tratar-se de um bom treino para a filha, e Natalie, falando da mãe ao pai, certa vez comentara: «Ela transforma a cozinha numa daquelas divisões com uma tabuleta na porta a dizer “Senhoras”.»

A cozinha era, de facto, o único lugar da casa que a Sra. Waite possuía por completo; nem o seu quarto era inteiramente seu, já que o marido, magnânimo, insistia em partilhá-lo. Também partilhava a mesa de jantar e os serviços do rádio na sala de estar; considerava-se detentor do privilégio de se sentar no apêndice e de usar uma banheira. Na cozinha, contudo, o Sr. Waite confessava-se divertidamente «inadequado», pelo que a Sra. Waite, uma vez por semana, tinha direito

a um período sem perturbações, além da companhia da filha. Talvez até sentisse que, naquelas horas em que partilhavam a cozinha, ela e Natalie ficavam ligadas por uma espécie de relação entre mãe e filha, que poderia transmitir a sabedoria das mulheres de uma para a outra, que poderia, por meio de pequenas palavras-chave e insinuações femininas, dividir, pelo menos durante algum tempo, a família em mulheres contra homens. Fosse como fosse, a cozinha, a sós com Natalie, era o único sítio onde a Sra. Waite falava; e, provavelmente por falar tão pouco noutros lugares, a sua conversa na cozinha tornava-se uma espécie de cântico semanal, um boletim informativo, no qual era considerado e manifestado tudo o que a Sra. Waite pensara, quisera dizer, sentira ou depreendera durante a semana, combinado com o seu refrão de reminiscências e queixas. Natalie admirava a mãe nesses momentos e, embora se esforçasse para evitar a mínima conversa com a mãe na sala de estar, apreciava e beneficiava das conversas da cozinha, até mais do que a Sra. Waite suspeitava.

Naquela manhã, o ímpeto inicial da Sra. Waite proveio do empadão de domingo, que, incrivelmente complexo e delicado, seria ebriamente devorado dali a umas horas por gente inconsiderada e mal-agradecida. Quando Natalie entrou na cozinha, a mãe encontrava-se debruçada no aparador, a cortar fatias extraordinariamente finas de carne com a faca de talho.

— Natalie? — chamou-a sem se virar. — Ouviste-o? — prosseguiu, sem se assegurar de que realmente *era* Natalie e não o Sr. Waite a anunciar que a casa estava a arder. — *Ouviste-o?* É um velho tonto, é mesmo. — Conteve a respiração para cortar cuidadosamente à volta de um osso e depois continuou: — Às vezes, penso que deve ser um verdadeiro tolo, para julgar que as pessoas vão nas patranhas dele. Paranóico — anunciou a Sra. Waite com satisfação. — Paranóico. O meu pai costumava rir-se quando ele aparecia, costumava mesmo. Paranóico. Natalie, quem me dera que a Ethel deixasse os pratos como eu os deixo. Os pequenos

dentro dos grandes. Não dá para acreditar que alguém possa guardar os pratos desta forma tão desorganizada; ela empilha-os todos sem pensar no tamanho ou na segurança. Costumava rir-se. Às vezes, penso que só se casou comigo por eu me chamar Charity, e na altura estar na moda as pessoas como o teu pai cantarem músicas como *Buffalo Gals* e dançarem o *Virginia reel*. Charity. O meu pai sabia o que fazia.

Ao domingo, o trabalho matinal de Natalie costumava começar com a salada. Lavava alface e cenouras, tomate e rabanetes, limpava-os e deixava-os em água fria para serem transformados em salada à última hora. Agora, com as mãos cheias de folhas de alface, estava diante do lava-louça a ver a cascata de água fria que corria da torneira pelo verde límpido da alface. Era incrivelmente belo, até as mãos começarem a gelar.

– Demasiado preguiçoso para fazer algo por si próprio – disse a Sra. Waite. – Imagine-se, um homem adulto a aprender contradança em Nova Iorque. Lembro-me da minha mãe, sempre a ralar, *ela*. A voz dela *aqui* a toda a hora e, às vezes, penso que o teu pai aprenderia com ela, se bem que antes de morrer ficou bastante calada sem o meu pai. Sempre me perguntei como é que as pessoas tinham casamentos felizes e os faziam durar todo o dia, todos os dias. Parecia-me que a minha mãe não era feliz, mas é claro que eu não sabia. Natalie, trata de ter um casamento feliz. – Virou-se e olhou honestamente para Natalie, com a faca encostada à palma da mão. – Trata de ter um casamento feliz, filha. Nunca deixes que o teu marido saiba o que estás a pensar ou a fazer, assim é que é. A minha mãe poderia ter feito *qualquer* coisa, qualquer coisa que quisesse, o meu pai teria deixado, se bem que provavelmente não teria sabido. É claro que, quando ele morreu, já era demasiado velha. – A Sra. Waite pegou nas finas fatias de carne e começou a dispô-las na assadeira. – Lembro-me dos domingos lá em casa – continuou.

– Quer que ponha os ovos a cozer? – perguntou Natalie, num tom brando.

A Sra. Waite pensou, olhando em redor como se esperasse que a asadeira ou a alface tivessem uma opinião. Por fim, disse:

– Acho que é melhor, Natalie. Nunca sei quantos virão. – Sorriu ao prosseguir: – Aos domingos lá em casa, nunca sabíamos quantos seríamos. Por vezes, íamos a casa da minha avó, ou de uma das minhas irmãs. Todas elas casaram antes de mim, Natalie, para que saibas. *Elas* podiam ter-me avisado. Ou então vinham a nossa casa. Nunca sabíamos. Eram como um bando de pássaros: um levantava voo para algum sítio, e depois os outros iam atrás. Todos homens grandes, mulheres pequenas. Os meus tios... quando me lembro deles, vejo-os sentados nas tardes de domingo, às vezes numa casa, às vezes noutra. O meu tio Charles, por exemplo, costumo lembrar-me dele sentado na cadeira vermelha na nossa sala de jantar (tínhamos de trazer cadeiras, eram tantos à mesa), ou então no velho cadeirão de *mohair* castanho que ele tinha ao lado da lareira em casa. A tia... como se chamava ela, Natalie? A que casou com o Charles?

– Helen – disse Natalie.

– Helen – repetiu a Sra. Waite. – Bem, ela detestava esse cadeirão, só que eu sempre pensei que ela só fazia aquele alarido todo por saber que as mulheres odiavam sempre as coisas velhas a que os maridos se apegavam e por ter receio de que ninguém a respeitasse se ela o deixasse ficar com o cadeirão sem aquele alarido. Só que eu não acho que ela alguma vez se tenha empenhado em fazê-lo com seriedade. – Deslizou a faca pelo pedaço de manteiga para cozinhar no prato e começou a cortar uma cebola. – Máscaras africanas exóticas – disse ela. – Jóias de prata baratas e sujas. Velhos discos de *blues* cujas letras não queríamos saber mesmo que *conseguíssemos* ouvi-las. Seja como for, lembro-me sempre desse tio sentado nesse cadeirão. Suponho que todas as raparigas (mais água ali, Natalie) acabem por detestar a casa onde vivem porque julgam que um marido vai ser melhor. O que acontece, normalmente, é que um marido é igual. Quando conheci o teu pai,

ele tinha montes de livros que dizia que lia, e deu-me uma pulseira de prata mexicana em vez de um anel de noivado, e eu olhava para os meus tios sentados nos seus malditos (o teu pai também me ensinava a dizer «malditos» e uma data de outras palavras que podia dizer-te se quisesse, mas eu *acredito* que já ultrapassei *essa* parte) cadeirões e achava que estar casada era tudo o que eu queria. Só que claro que é igual, só que agora são desconhecidos ao jantar de domingo, e o teu pai vai passar o dia de amanhã doente se fumar alguma coisa mais forte do que cigarros. Vamos fazer uma salada de batata. Ontem pedi à Ethel que cozesse mais batatas.

Natalie descobrira que, mediante uma ligeira pressão num dente de trás, conseguia provocar uma pequena dor regular que operava como contraponto rítmico à voz da mãe; por nada deste mundo diria à mãe que tinha uma cárie, mas tratava-se de uma mudança agradável no corpo desde o dia anterior, e ela apreciava-a.

– Gelado – disse a Sra. Waite. – *Costumávamos* ter sempre gelado.

– Diga-me – insistiu o detective, inclinando-se para a frente –, diga-me como foi feito; pode estar descansada que eu não usarei a informação contra si.

– Não sei – respondeu Natalie em silêncio. – Não me lembro.

– Posso asseverar-lhe – disse o detective com grande dignidade – que sou uma pessoa razoável com quem poderá falar. Sou de absoluta confiança.

– Não me recordo.

– É *claro* que se recorda – porfiou o detective, impaciente. – Ninguém pode viver tais coisas e não as *recordar*.

– Natalie – perguntou a Sra. Waite, com as mãos imóveis por um minuto enquanto fitava a parede diante de si –, que hei-de fazer quando te fores embora?

Envergonhada, Natalie baixou cuidadosamente o lume dos ovos a cozer.

– Venho visitar-vos muitas vezes – respondeu atabalhoadamente.
 – Uma mãe fica muito sozinha sem a filha – comentou a Sra. Waite.
 – Sobretudo quando é a única filha. Uma mãe fica mais sozinha do que tudo no mundo.

Uma das coisas que mais lhe desagradavam na mãe era o truque invariável de fazer afirmações sérias numa linguagem que Natalie classificava como chistosa. A Sra. Waite, habituada há demasiado tempo a ver as suas emoções mais profundas expostas, questionadas e ignoradas, passara a proteger-se declarando-as como piadas, com um ar de capricho juvenil que irritava tanto Natalie como o Sr. Waite, mais do que qualquer afirmação de ódio poderia irritar. Por causa disto, Natalie, que por vezes pensara correr para a mãe com uma expressão intencional de afecto, disse com brevidade:

– Há-de encontrar algo que fazer.

A Sra. Waite ficou calada. Tinha posto cuidadosamente a assadeira no forno e voltado a atenção para os talheres antes de recomeçar, muito timidamente:

– E em casa, quando não tínhamos pratos para todas aquelas pessoas, costumávamos dizer a uma das tias que levasse...

O almoço aos domingos era uma refeição feita com sobras; ao longo dos anos, a Sra. Waite tinha conseguido convencer o marido a aceitar que o forno não podia conter em simultâneo uma refeição especial para os amigos dele e o almoço nutritivo que ele entendia ser-lhe devido. Embora na maioria dos casos o Sr. Waite muito mais depressa sacrificasse os amigos do que a si mesmo, no tocante à sua hospitalidade e às prováveis conversas de segunda-feira sobre o tema, estava disposto – com objecções – a descurar o seu próprio conforto, acreditando sempre tratar-se de uma medida temporária resultante da ineficácia da Sra. Waite e que, no domingo seguinte, já se veria sensatamente alimentado. Dado

que era seu hábito saudar ocasiões normais com comentários normais, o Sr. Waite fazia a sua observação habitual, enquanto comia a sanduíche de manteiga de amendoim de domingo: «Isto não é comida para um homem adulto.»

Aos domingos, a Sra. Waite tinha uma resposta para lhe dar, provavelmente porque já tivera a semana inteira para a preparar; por norma, respondia: «Faz *tu* o jantar, que *eu* farei o almoço.»

Junto à mesa da cozinha, ao lado do pai, Natalie contemplava placidamente a cena de competência que a rodeava. A louça usada nessa manhã fora lavada, as chávenas e os pires do pequeno-almoço guardados e substituídos pelas chávenas e pelos pires destinados aos convidados. Os guardanapos da família, postos de parte por causa daquele almoço e jantar, repousavam no lintel da lareira da cozinha, para serem repostos na segunda-feira. Os objectos tão familiares da cozinha – a planta que Ethel mantinha ao lado do lava-louça, a pequena chaleira, os talheres com cabos de plástico – estavam todos empurrados para o fundo e separados dos preparativos da recepção. Porque os pais estavam a discutir, Natalie transportou-se para uma expedição arqueológica que decorreria dali a uns mil anos, chegando inesperadamente àquela cozinha e retirando cuidadosamente camadas de terra à volta da chaleira. «Isto é capaz de ter sido uma panela», diria alguém sabiamente, e outra pessoa acrescentaria: «Ou, claro, um bacio; nada sabemos ainda dos hábitos destes povos.» Escavações subsequentes – talvez três ou quatro dias mais tarde, e depois de sérias contendas entre os membros juniores e seniores da expedição, com um grupo a defender que seria mais sensato seguir em frente; tratava-se de um sítio infecundo para descobertas e, além disso, o ar era insalubre – talvez encontrassem o crânio de Natalie, e alguém, segurando aquela frágil cabeça nas mãos, virando-a e examinando-a intimamente, poderia comentar: «Vejam aqui estes dentes; sabiam *algo* de medicina dentária, pelo menos alguma coisa – vejam, tem um dente restaurado, com ouro, segundo parece. Eles

tinham algum conhecimento do ouro, lembram-se? Masculino, diria eu, pelo desenvolvimento frontal.» Nessa altura, claro está, reflectiu Natalie com satisfação, a sua vida estaria concluída. Já não haveria mais medos, nem a possibilidade de enveredar pelo caminho errado quando se resumia a um crânio nas mãos de um desconhecido. «E vejam», chamaria outra voz ao fundo da cozinha, «vejam, aqui, estes objectos tão estranhos – ornamentos, afigura-se-me. E vejam aqui, estes dois esqueletos – vejam, olhem para *aqui*, eles tinham *filhos*».

O jardim pertencia exclusivamente a Natalie; o resto da família usava-o, claro, mas só Natalie o considerava uma parte funcional da sua personalidade e sentia-se revigorada após dez minutos no jardim, entre os caprichos arbitrários que outras pessoas lhe atribuíam. Se se sentasse na relva, lá ao fundo, encostada a uma árvore, podia olhar para campos que pareciam macios àquela distância, para montanhas longínquas, dado que o pai, com bastante sensatez, escolhera uma localização pitoresca em vez da preferência da mãe por um sítio onde alguma coisa pudesse *crescer*; assim, nas traseiras da casa, havia uma horta ineficazmente cuidada pela Sra. Waite, que produzia uma colheita regular de rabanetes duvidosos e cenouras pálidas, e o resto do terreno em volta da casa – cerca de doze mil metros quadrados – podia ser transformado em prado ou descampado. O jardim de Natalie ficava em frente à casa e era cuidado por um jardineiro que se recusava a tocar na horta, e aquela parte da propriedade acabava indefinidamente numa espécie de penhasco abaixo do qual – se se olhasse com a distância suficiente – se via a estrada sul. Por trás da casa, até da horta, o Sr. Waite tinha permitido benevolmente que as árvores crescessem sem restrições; quando Natalie era mais nova, antes de o jardim e a vista do penhasco a terem fascinado tanto, ela adorava fazer de pirata e *cowboy* e cavaleiro de armadura entre as árvores. Agora,

contudo, por alguma razão apenas remotamente relacionada com cavaleiros de armadura, a árvore no relvado pertencia-lhe, e ela ignorava as restantes situadas em baixo, considerando-as sombrias, silenciosas e desinteressantes.

A paisagem das montanhas no horizonte era, por vezes, tão perfeitamente inteligível para Natalie que ela forçava as lágrimas a inundarem-lhe os olhos, ou deitava-se na relva, incapaz, a partir de certo ponto, de a absorver — estava, é claro, convenientemente escondida das janelas da casa — ou de a transformar em mais do que na sua própria capacidade de a conter; não era capaz de deixar os campos e as montanhas em paz onde os encontrava, mas exigia a si mesma assimilá-los e usá-los, um recipiente de algo simultaneamente real e irreal para opor ao desafio dos ataques reais-e-irreais da sua família. Havia um ponto em Natalie, apenas vagamente compreendido por ela e decerto típico da idade, em que a obediência terminava e o controlo começava; depois de esse ponto ser atingido e ultrapassado, Natalie tornava-se uma pessoa de funcionamento solitário, capaz de determinar as suas possibilidades verosímeis. Por vezes, com uma imensa mágoa, as grandiosas e mal contidas intenções da criação, os pungentes anseios indagadores da adolescência avassalavam-na e, abalada pela sua própria capacidade criativa, ela mantinha-se firme e inflexível, gritando em silêncio algo que só poderia ser expressado como: «Deixem-me receber, deixem-me criar.»

Se tal sentimento tinha algum significado para ela, era como o impulso poético que dava origem às composições embaraçosas que se encontravam escondidas na sua secretária; a lacuna entre a poesia que ela escrevia e a poesia que ela continha era, no seu entender, irresolúvel.

Deitada na relva, na tarde de domingo, enquanto a mãe e o pai discutiam acerca dos convidados daquele dia, apoiou o rosto no braço e perdeu-se na contemplação dos campos e das montanhas abaixo de si; o sol atrás das montanhas era, para uma Natalie ainda pouco

acostumada à banalidade do milagre, um gesto de calendário, uma cena repetida e típica de um mundo adulto; vira tantas más imagens de sóis poentes atrás de montanhas que se permitia até a considerar o próprio Sol falacioso e desnecessário. Mas as montanhas, aliviadas da pressão do sol, eram escuras e ensombradas, e os campos, ainda iluminados, estavam nítidos e verdes, e Natalie, deitada com o rosto no braço, sentia-se a correr, mais leve do que qualquer coisa que alguma vez tivesse conhecido, a correr com grandes passos delicados sobre o mundo. Os seus pés rasavam o solo — ela sentia-o, sentia-o —, o cabelo caía silenciosamente para trás, as pernas longas arqueavam-se, e a respiração penetrava fria na sua garganta. A primeira a acordar, a primeira a chegar ao mundo coberta de orvalho, avançando por um campo despovoado sem deixar rasto, subindo as montanhas, tocando a relva ainda molhada com as mãos.

As montanhas, voluptuosas e férteis, alongavam-se ao seu encontro num ímpeto de emoção, virando-se silenciosamente à medida que ela se aproximava, recebendo-a, e Natalie, de boca contra a relva e olhos lacrimosos de fitar o sol, tomava para si as montanhas e sussurrava, «Irmã, irmã. Irmã, irmã», sussurrava ela, e as montanhas acordavam e respondiam.

Viu o irmão sair de casa para o jardim e entregou-se por um breve momento a admirar a sua presença; a súbita e grande parecença entre ambos; pensou que talvez ele não soubesse que ela estava ali e quisesse sentar-se para ver as montanhas, mas percebeu então que ele andava à sua procura quando a chamou:

— Nat? Nat?

— Estou aqui — respondeu, e viu-o virar a cabeça na sua direcção, mas as árvores ocultavam-na, e ele avançou, perguntando:

— Onde estás?

Natalie Waite está de partida para a universidade, afastando-se enfim de um pai onnipresente e manipulador e da memória de um terrível acontecimento que guarda em segredo. Magra, nervosa e maniaca, Natalie anseia obsessivamente por um recomeço, longe do ambiente familiar hostil. Contudo, num *campus* enredado em episódios misteriosos e figuras grotescas, os demónios de Natalie continuam a atormentá-la, o fosso entre aquilo que ela é, ou procura ser, e aquilo que os outros vêem, ou esperam ver nela, torna-se intransponível. Assim, apelidada de sinistra e louca, alvo de troça e escrutínio, Natalie refugia-se num mundo da sua própria criação até conhecer Tony, que lhe oferece a promessa de uma vida nova para lá dos limites da cidade.

Originalmente publicado em 1951, *O Homem da Força* é uma das primeiras obras de Shirley Jackson, mestre da ficção gótica e do *suspense*. Neste romance de formação sobre uma rapariga no limbo entre o racional e o irracional, Jackson alia o terror do *thriller* psicológico às subtilezas da comédia negra para retratar o medo existencial, a solidão e a consciência de si.

«Shirley Jackson é ímpar na criação de tremores silenciosos, crescentes e excepcionalmente bem escritos.»

Dorothy Parker

«Uma autora brilhante no estilo e na observação, na agudeza de espírito e na forma.»

Times Literary Supplement

ISBN 978-989-668-813-4
9 789896 688134



cavalo de ferro